



DIALETOLOGIA E ENSINO: CONTRIBUIÇÕES DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

Marcela Moura Torres Paim

Universidade Federal da Bahia

Laura Camila Bráz Almeida

Universidade Federal de Sergipe

RESUMO

Formar cidadãos críticos e respeitadores das diversidades culturais e linguísticas em que estão inseridos deve ser o objetivo da escola. Nesse sentido, faz-se importante conhecer o dialeto e a cultura nos quais os indivíduos estão inseridos. Através da relação entre a Dialetoologia e o ensino, o estudante poderá entender que existem formas alternantes de se dizer o mesmo na língua, com o mesmo valor de verdade, em um determinado contexto comunicativo. Assim, surgiu a proposta de realizar uma oficina pedagógica no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal de Sergipe, com a finalidade de incentivar a elaboração de sequências didáticas que incentivassem o respeito à diversidade linguística. Dessa forma, este trabalho poderá trazer consequências positivas, pois o conhecimento de mundo dos estudantes inseridos na pesquisa se ampliará, através da aprendizagem por meio do jogo, a partir de cartas do Atlas Linguístico do Brasil, contribuindo com o combate ao preconceito linguístico.

Palavras-chave: Variação; Ensino; Atlas linguístico.

ABSTRACT

Educating citizens who are critical and respectful of the cultural and linguistic diversity in which they are inserted should be the aim of the school. In this sense, it is important to know the dialect and culture in which individuals are inserted. Through the relationship between Dialectology and teaching, the student can understand that there are alternating ways of saying the same in the language, with the same truth value, in a given communicative context. Thus, the proposal of a pedagogical workshop in the Professional Master's Degree in Letters (PROFLETRAS) of the Federal University of Sergipe was presented with the purpose of encouraging the elaboration of didactic sequences that encourage respect for linguistic diversity. In this way, this work can have positive consequences, because the world knowledge of the students inserted in the research will be expanded, through learning through the game, from the letters of the Linguistic Atlas of Brazil, contributing with the fight against linguistic prejudice.

Keywords: Variation; Teaching; Linguistic Atlas.

Marcela Moura Torres Paim é professora Associada de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas (UFBA).

E-mail: mmtpaim@ufba.br

Laura Camila Bráz Almeida é professora associada de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas (UFS).

E-mail: profa.laura.almeida.ufs@gmail.com



INTRODUÇÃO

Ao utilizar a língua, as pessoas buscam, constante e conscientemente, a realização de formulações para que haja o mútuo entendimento e para que se atinjam os objetivos da comunicação. É justamente esse empenho que instala na enunciação mecanismos que deixam evidente a presença da variação linguística.

No âmbito da Linguística, a ciência que se ocupa prioritariamente da variação espacial denomina-se Dialetoлогия que, segundo Cardoso (2010), é definida como: “um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica” (CARDOSO, 2010, p. 15).

A Dialetoлогия, na atualidade, analisa não apenas as variações regionais dos dialetos e falares de uma localidade particular, num enfoque monodimensional, mas, também, as variações sociais, nelas incluídas as variações diageracionais, diassexuais, as variações culturais, delimitadoras de um grupo cultural que imprime à sua linguagem marcas de sua cultura local e regional, bem como as variações estilísticas. Nessa perspectiva pluridimensional, a observação prioritária continua no aspecto espacial, mas agregam-se outros fatores sociais, como sexo, faixa etária, escolaridade e estilo de fala nas análises dos dados. Sobre essa questão, manifestou-se Lope Blanch (1978), afirmando que, “se a dialetoлогия tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto das suas variedades regionais como das sociais, tanto do eixo horizontal como do vertical” (LOPE BLANCH, 1978, p. 42).

Os atlas linguísticos são conjuntos de mapas, no caso, cartas linguísticas, onde ficam registradas as variações fonéticas, léxico-semânticas e morfossintáticas existentes em cada uma das regiões, sub-regiões e localidades onde essas variações ocorrem e

viabilizam a investigação da língua no enfoque dialetológico.

Instrumento rico e fruto de um trabalho extensivo dos seus autores, um atlas linguístico representa a variação linguística, seja ela espacial, eminentemente, seja ela social. Conforme Ferreira *et al.* (1996, p. 484):

Um atlas linguístico reúne um conjunto de mapas de um território, mais ou menos vasto, que representam e localizam as realizações dos paradigmas linguísticos em estudo (de natureza fonética, lexical, morfológica ou sintática), registrando as respectivas variações geográficas.

Crítérios de diferentes naturezas podem determinar o domínio geográfico-espacial de abrangência de um atlas linguístico, oferecendo uma melhor visualização da distribuição espacial de um dado fenômeno linguístico, além de delimitar sua extensão. Nesse sentido, um atlas pode ser de extrema importância para os estudos da língua e, além de salvaguardar a memória sociolinguística de um povo (documentação da história da língua), pode ser um poderoso instrumento para as políticas linguísticas (principalmente no que tange às políticas de ensino).

A Geografia Linguística, no Brasil, surge com um pensamento inicial: a produção de um atlas linguístico geral do Brasil no que diz respeito à língua portuguesa. Isso é o que se apresenta no Decreto nº 30.643, de 20 de março, que assentava, no seu Art. 3º, como principal finalidade da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, a elaboração do atlas linguístico do Brasil. Tal determinação foi regulamentada pela Portaria n.º 536, de 26 de maio do mesmo ano, a qual, ao baixar instruções referentes à execução do decreto de criação do Centro de Pesquisas Casa de Rui Barbosa, estabeleceu como finalidade principal, entre as pesquisas a serem planejadas, a própria elaboração do atlas linguístico brasileiro. No entanto, as circunstâncias de



caráter acadêmico e de âmbito sócio-histórico fizeram com que se abdicasse, naquele momento, da ideia de um atlas nacional e se passasse a pensar na execução de atlas regionais.

Entra em cena, então, um novo capítulo para Dialetoлогия do Brasil, com a publicação das Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil (1958 e 1961), por Antenor Nascentes, a criação de uma mentalidade dialetológica, por Serafim da Silva Neto, e a defesa da produção de atlas regionais, reconhecendo a impossibilidade, naquele momento, de realização de um atlas nacional, por Celso Cunha.

Diante dessa preocupação, este trabalho se propõe a mostrar como o atlas linguístico do Brasil pode contribuir para o ensino da língua portuguesa. O artigo é estruturado desta maneira: na seção 2, esboçamos algumas considerações sobre a história do atlas linguístico do Brasil, a fim de trazer informações que ajudarão a compreender mais essa obra; na seção 3, verificaremos contribuições do atlas para o ensino da língua portuguesa por meio de uma proposta de sequência didática; na seção seguinte, serão apresentadas considerações finais.

1 O ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL: UM POUCO DE HISTÓRIA

A ideia do Atlas Linguístico do Brasil foi retomada por ocasião do Seminário Nacional

Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil, realizado em Salvador, na Universidade Federal da Bahia, em novembro de 1996, com a participação de dialetólogos brasileiros e do Diretor do ALiR (Atlas Linguistique Roman), Prof. Michel Contini (Grenoble). Naquela ocasião foi criado um Comitê Nacional, integrado pelos autores dos cinco atlas linguísticos regionais já publicados e por um representante dos atlas em andamento. Foram eles: os professores Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (UFBA), que presidiu o Comitê, Jacyra Andrade Mota (UFBA), Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB), Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFJF), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) e Walter Koch, representando os atlas em andamento¹.

Em 2014, os Volumes 1 e 2 do *Atlas Linguístico do Brasil* foram publicados como resultados do trabalho desenvolvido pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), na sua essência, um projeto linguístico porque busca documentar, descrever e interpretar a realidade do português brasileiro, tendo, exatamente por esse caráter, uma evidente interface com diferentes ramos do conhecimento organizado, decorrente do fato de que a história de uma língua é a história do próprio povo que a fala.

Fundamentado nos princípios gerais da Geolinguística contemporânea, também conhecida como pluridimensional, o Projeto ALiB prioriza a variação espacial ou diatópica e fica atento às implicações de natureza social

¹Atualmente, a coordenação do Projeto ALiB está sob a responsabilidade de um Comitê Nacional, constituído de 13 (treze) membros e assim estruturado: Diretora-Presidente – Jacyra Andrade Mota (Universidade Federal da Bahia), Diretora Executiva – Silvana Soares Costa Ribeiro (Universidade Federal da Bahia), Diretores científicos: Abdelhak Razky (Universidade Federal do Pará); Aparecida Negri Isquerdo (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul); Conceição Maria de Araújo (Universidade Federal do Maranhão); Fabiane Cristina Altino (Universidade Estadual de Londrina); Felício Wessling Margotti (Universidade Federal de Santa

Catarina); Marcela Moura Torres Paim (Universidade Federal da Bahia); Maria do Socorro Silva de Aragão (Universidade Federal da Paraíba/Federal do Ceará); Marilúcia Barros de Oliveira (Universidade Federal do Pará); Regiane Coelho Pereira Reis (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul); Valter Romano (Universidade Federal de Lavras) e Vanderci de Andrade Aguilera (Universidade Estadual de Londrina).



que não se pode, no estudo da língua, deixar de considerar. Assim, objetiva descrever o português falado no Brasil com base em dados coletados em 250 pontos, representativos de todas as regiões, e recolhidos, *in loco*, de 1.100 informantes, distribuídos equitativamente por duas faixas etárias — 18 a 30 anos e 50 a 65 anos, pelos dois sexos e, nas capitais de Estado, em número de 25 (as capitais Palmas, Estado de Tocantins, e Brasília, Distrito Federal, excluem-se por questões metodológicas em virtude de serem cidades recém-criadas), por dois níveis de escolaridade — fundamental e universitário, ficando os demais pontos da rede com apenas informantes do nível fundamental.

Esse caráter de que se reveste o Projeto ALiB tem duas evidentes implicações: por um lado, inspira e fundamenta a sua concepção na pluralidade do conhecimento; por outro, permite que, dos resultados que venha a oferecer, beneficie-se amplo espectro das ciências na atualidade.

O Volume 1 – *Introdução* – apresenta parte significativa da história da construção do Atlas Linguístico do Brasil, abordando a metodologia seguida, com destaque para a rede de pontos, os questionários e os informantes, a que se junta a informação sobre a cartografia dos dados.

O Volume 2 – *Cartas linguísticas 1* – traz resultados das 25 capitais brasileiras objeto da pesquisa, espelhados em mapas linguísticos com dados fonéticos, morfossintáticos e semântico-lexicais que mostram a realidade pesquisada.

A publicação do *Atlas Linguístico do Brasil* vem preencher uma lacuna nos estudos dialetais brasileiros, qual seja, a de fornecer, de modo comparativo, dados sobre o português brasileiro considerado na sua diversidade espacial, portanto diatópica, e observadas as variantes sociolinguísticas presentes na língua, de que resulta a diversidade de usos no plano

diageracional, diastrático, diassexual ou diafásico.

2 COMO O ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL PODE CONTRIBUIR PARA O ENSINO DA LÍNGUA?

A contribuição do atlas linguístico do Brasil no ensino da língua é bastante significativa, pois ele traz a descrição da realidade linguística das capitais do Brasil, no que tange à língua portuguesa, oferecendo aos estudiosos da língua portuguesa e das demais áreas dos estudos linguísticos, aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia, entre outras) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto para o ensino fundamental e médio, professores), subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal brasileiro.

Dessa forma, o atlas fornece subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem, com dados linguísticos que venham a possibilitar a adequação de material didático à realidade linguística de cada região e o entendimento da variação linguística do Brasil, contribuindo para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica.

Por entender que sequências didáticas com as cartas dos atlas linguísticos podem mostrar direcionamentos para descobertas sobre a língua, pois oferecem elementos de substancial importância para a formulação de um ensino-aprendizagem da língua materna equacionado à realidade de cada região, permitindo, assim, o reconhecimento do caráter linguístico de cada área e a sua vinculação ao estabelecimento de princípios metodológicos do ensino do vernáculo, foi realizada uma oficina pedagógica, ministrada pelas professoras Laura Camila Braz Almeida (UFS) e Marcela Moura Torres Paim



(UFBA), em 2018, com a turma do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

No PROFLETRAS, a formação docente é um aspecto bastante discutido nas aulas. Para tanto, é preciso discutir questões como material didático, leitura, escrita e cultura para a aula de língua portuguesa. No material didático, a leitura, segundo Kleiman (2008, p.18), fica reduzida, geralmente, a atividades de leitura com exercícios de compreensão e interpretação de texto e à manipulação mecanicista de sentenças. Na Perspectiva Interacionista da Leitura, essa autora ressalta que o leitor passa a ser um sujeito cognitivo, que deixa de ser receptor de conhecimento apenas e passar a ser um (re)criador de significado.

Nesse contexto, o papel do professor não é só receptivo, ao fazer uma atividade de leitura, mas também é verificar o conhecimento prévio do aluno sobre o que vai ser lido, uma vez que essa ação estimula o estudante para descobrir o que ele vai ler. É relevante que o educador faça perguntas orientadoras para a leitura, formule hipóteses e contextualize o texto, para que a atenção do aprendiz fique direcionada para o texto. Conforme Dolz e Schneuwly (2010, p. 8), o texto na sala de aula, como um ensino processual em leitura e em escrita, provoca o deslocamento dos eixos do ensino-aprendizagem de língua materna. Deixa de enfatizar um ensino normativo, com base na análise da língua e da gramática, e passa a ser um ensino processual, com valorização do ensino da leitura e da escrita.

Serrani (2005, p. 17) comenta que o discurso num contexto educacional engloba a teoria e a prática do ensino de língua. Desse modo, há possibilidades de o educador planejar as suas aulas envolvendo o tema da interdisciplinaridade, a abordagem comunicativa e a intercultural. Com isso, pode-se verificar o quanto a interdisciplinaridade, as abordagens comunicativa e intercultural são

relevantes para o ensino de língua. Com esse embasamento, o professor não fica limitado ao ensino da gramática da língua.

Nesse sentido, no intuito de discutir a diversidade linguística no PROFLETRAS da UFS, foram trabalhadas discussões sobre como o professor poderia planejar sua aula, envolvendo as cartas publicadas no Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al, 2014). Durante a oficina pedagógica, as mestrandas foram incentivadas a fazer propostas de planejamento de aulas organizadas em sequências didáticas, defendidas por Schneuwly e Dolz (2010), desenvolvidas em etapas, de modo processual.

Uma das formas de desenvolver a sequência didática é realizar tarefas que envolvam a ludicidade. No intuito de ilustrar esse aspecto, apresenta-se, a seguir, um jogo que foi aplicado na oficina do Mestrado Profissional como um caso prático da relação entre a Dialetologia e o ensino que pode ser levado para as escolas.

JOGO: Que variação é essa?

Carta L18 – Bolinha de gude

Carta L20 – Brinquedo de empinar com varetas – denominações registradas nas capitais

Carta L24 – Bala

1ª Etapa: apresentação do jogo:

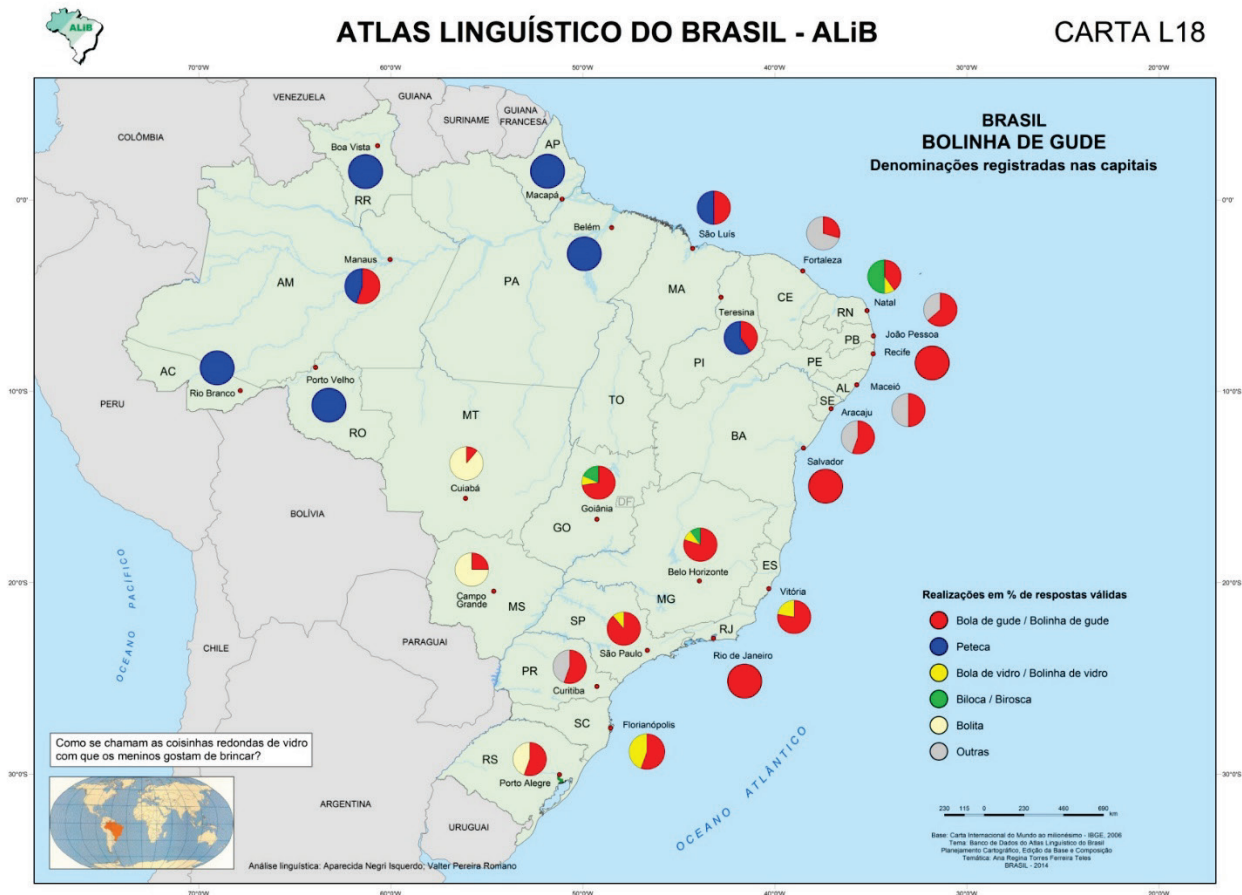
- a. JOGO – Que variação é essa?
- b. Objetivo: discutir a diversidade da língua portuguesa a partir de cartas publicadas no Atlas Linguístico do Brasil.
- c. Passo a passo: mostrar objetos que são tratados nas cartas (brinquedo de empinar com varetas, bolinha de gude e bala) no intuito de levantar as variantes lexicais utilizadas e conhecidas pelos estudantes.



d. Apresentar as cartas selecionadas para serem lidas com o objetivo de verificar o conhecimento prévio dos estudantes sobre o que vai ser lido, uma vez que essa ação estimula a descoberta do que será lido por meio de perguntas orientadoras para a leitura, formulação de hipóteses, para que

a atenção dos participantes da atividade fique direcionada para as 3 cartas disponíveis nesta e na página que segue:

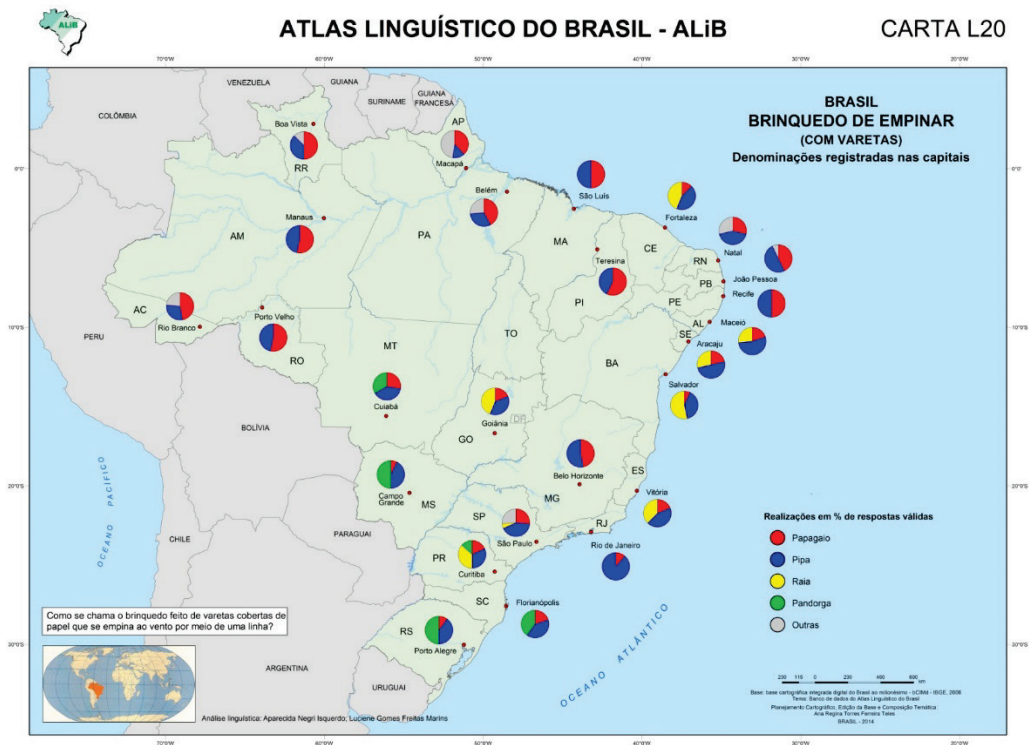
i. Carta L18 – Bolinha de gude



Fonte: Cardoso et al. (2014b, p. 271)



ii. Carta L20 – Brinquedo de empinar com varetas



Fonte: Cardoso et al. (2014b, p. 291)

iii. Carta L24 – Bala



Fonte: Cardoso et al. (2014b, p. 327)



- e. Colocar as palavras das legendas das cartas num envelope. Em seguida, os alunos retiram uma palavra do envelope para responder as seguintes questões do jogo:
 - iv. Qual é o significado dessa palavra?
 - v. Mencione um lugar onde essa palavra é usada?
 - vi. Qual é o sinônimo dessa?
- f. O público destinado são os alunos do ensino fundamental.
- g. O número possível de jogadores equivale à quantidade de palavras presentes nas cartas selecionadas ou esse jogo pode ser feito em grupos.

2ª Etapa: organização do jogo:

- a. Os jogadores podem atuar individualmente ou em equipes. É o docente que vai decidir.
- b. As peças do jogo são palavras encontradas na carta, colocadas de forma solta e individualmente num envelope. A distribuição é feita para os jogadores com sorteio.

Bola de gude / bolinha de gude

Peteca

Bola de vidro / bolinha de vidro

Bolita

Papagaio

Pipa

Pandorga

Raia

Bala

Bombom

Caramelo

Confeito

Queimado

3ª Etapa: regras do jogo:

- a. O jogo é organizado da seguinte forma: os jogadores que conseguirem apresentar o conceito, o local e o sinônimo dos vocábulos apresentados ganham ponto.
- b. O vencedor é aquele que apresentar mais pontos no momento em que todas as palavras das cartas linguísticas já tiverem sido apresentadas.
- c. O jogo termina quando todas as palavras colocadas no envelope já tiverem sido sorteadas.
- d. Os resultados alcançados são registrados quando os jogadores apresentarem o conceito das palavras selecionadas e o local em que elas acontecem.

Com esse jogo, que proporciona a discussão acerca da variação da língua portuguesa, de forma lúdica, pode-se perceber como a Dialetoлогия é uma área que envolve a cultura, o local e outras disciplinas, como a Geografia também. Ao analisar as cartas, o aluno vai ampliar seu conhecimento sobre as capitais, os estados e as regiões do país e vai conhecer um pouco mais sobre a cultura ao observar a diversidade da língua apresentada nas cartas do Atlas Linguístico do Brasil.

Assim, a relação da Dialetoлогия com a sociedade usuária da língua descrita explicita-se por meio de maneiras específicas de contribuição, permitindo o conhecimento da realidade espacial do domínio do português, evidenciando as diferenças e as convergências que se registram no território brasileiro. Nesse sentido, discutir com os alunos em sala de aula acerca do entendimento da variação linguística, como fenômeno peculiar a toda e qualquer língua, auxilia a eliminar preconceitos relacionados aos juízos de valores que denotam noções equivocadas de “certo”, “errado”, “feio” e “bonito” e discriminações sociais fundadas na realidade da língua.

O trabalho com o atlas linguístico do Brasil, em sala de aula, possibilita uma amostragem sobre como convivem diferenças e



convergências, reconhecendo-se, porém, a validade da existência de um padrão culto necessário à comunicação oficial, à ministração do ensino, à efetivação do discurso formal e às opções de grupos de falantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões apresentadas, que não tinham a intenção de ser exaustivas na exemplificação da sequência didática, tiveram como objetivo o despertar da consciência do multidialetalismo, salientando as distintas realidades do português brasileiro para a importância do seu reconhecimento como maneiras de expressão da língua e para a necessidade de observar a pluralidade de usos no momento do ensino formal.

No momento atual, a Dialectologia tem papel importante para reflexão da língua portuguesa, dando o salto da teoria à práxis para que alunos e professores encontrem as formas de aprofundar o ensino-aprendizagem da língua materna, tendo em vista a variação. Nesse sentido, a utilização do atlas linguístico do Brasil na sala de aula contribui para a compreensão de que a nossa língua deve ser sempre um instrumento de socialização de ganhos, de histórias, de fontes de conhecimento e, sobretudo, de humanização de todo e qualquer falante no seu trato diuturno e jamais uma forma de discriminação, de estigmatização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, S. *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel, 2014. v. 1.

CARDOSO, S. *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel, 2014. v. 2.

CARDOSO, S. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

DOLZ, J.; SCHNEWLY, B. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução

e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

FERREIRA, M. B.; CARRILHO, E.; LOBO, M.; SARAMAGO, J.; CRUZ, L. S. Variação linguística: perspectiva dialectológica. In: FARIA, I. H.; PEDRO, E. R.; DUARTE, I.; GOUVEIA, C. A. M. **Introdução à Linguística Geral e Portuguesa**. Lisboa: Editorial Caminho, S.A., 1996. p. 479-502.

KLEIMAN, Â. **Leitura, ensino e pesquisa**. Campinas: Pontes, 2008.

LOPE BLANCH, M. La sociolingüística y la dialectología hispánica. In: ALVAR, M.; LOPE BLANCH, M. **En torno a la sociolingüística**. México, UNAM, 1978, p. 33-58.

NASCENTES, A. **Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, v. 1, 1958. v. 2, 1961.

SERRANI, S. **Discurso e cultura na aula de língua/ currículo – leitura – escrita**. Campinas: Pontes, 2005.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

PAIM, M. M. T.; ALMEIDA, L. C. B. A importância do Atlas Linguístico do Brasil para o ensino de língua portuguesa. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 6, p. 169-177, 2019.